

Para salvar é preciso matar?

Alguém já disse: o político é aquele que conhece de tudo um pouco. E o técnico é aquele que conhece quase tudo de muito pouco. Com a evolução de seus conhecimentos, o político tende a conhecer cada vez menos sobre mais, enquanto o técnico tende a saber cada vez mais sobre menos. Ao final de suas vidas, muito bem vividas, o político saberá quase nada sobre tudo, enquanto o técnico saberá tudo sobre praticamente nada. Essa velha

equação que compara o técnico e o político é oportuna para ilustrar grandes dilemas que martirizam o País. Dilemas que envolvem as visões dos técnicos e dos políticos sobre as questões nacionais.

Dois exemplos recentes exibem o conflito entre a visão técnica e a visão política. Quando o professor Adib Jatene, emocionado, joga na cara da equipe econômica que sua insensibilidade poderá provocar a morte de 3 milhões de brasileiros, transparece a frieza marmórica do conceito técnico-econômico que emoldura a fisionomia do governo Fernando Henrique. Quando milhares de micro, pequenos e médios empresários, desolados e perplexos, começam a entrar no inferno da quebraadeira, levados pelo diabo



**Seria melhor
se políticos e
técnicos
rezassem no
altar da
humildade**

dos juroz altos, jorram frases frias, soletradas pelos ministros Serra e Malan, do tipo "isso é choradeira de empresário". Mas recursos e artifícios têm aparecido para apoiar interesses da bancada ruralista.

A crise social pode esperar pela estabilidade do real? Jatene está exagerando ou Serra está sendo frio demais? O ministro do Planejamento é um economista preparado, estudioso, didático, e assume o perfil de um "deus economicus", a quem todos devem pres-

tar reverência e pedir a bênção. Malan é um diplomata que começa a tomar gosto pela política e a soltar o verbo. Sério e disposto a comandar a vitória do Real, no segundo tempo. Ninguém duvida que os dois ministros desejam o melhor para o País. Suas equipes, mesmo tocadas por vaidades comuns nos feudos brasileiros, também são competentes e se esforçam para encontrar a melhor idéia.

De outro lado, temos o ministro Jatene, também um especialista, porquanto médico altamente gabaritado, um dos maiores cirurgiões cardíacos do mundo. Jatene não é economista, mas sabe como uma pessoa morre. Já viu dezenas, senão centenas de pessoas morrerem.

Jatene sabe, sobretudo, como al-

guém pode aumentar seu ciclo de vida. Suas mãos fazem milagres, desses em que consegue colocar fios e objetos estranhos nos corações das pessoas, para fazer com que continuem a bater. Ele fez as contas e descobriu quantas pessoas podem ser salvas com alguns milhões de dólares. Serra, Malan e adjacências também entendem de remédios. Sabem como salvar o Plano Real. Mas descobriram que, para salvá-lo, é preciso sacrificar pessoas, matar empresas, abrir a porta da recessão.

Eis aqui o dilema. É necessário matar para salvar? Não existe solução alternativa? Não há condições para atender aos programas de Jatene, diminuir os juroz e garantir a saúde do real? A luta para matar a inflação tem de pagar o preço da condenação prévia de milhares de brasileiros? E o dinheiro alocado no Orçamento para obras de cunho político? Não poderá ser desviado para salvar pessoas? E os US\$ 50 bilhões jogados no lixo das obras inacabadas? Infelizmente, é assim o País. Coloca-se a estabilidade de um plano acima da meta de preservação de vidas. Imaginem se o dr. Jatene fosse um médico desconhecido, um zé-ninguém. Serra passaria por cima dele como um tanque nazista numa operação blitzkrieg. E ainda diz que José Serra quer ser presidente da República...

Procurando atenuar os aspectos emocionais desta análise (é muito difícil deixá-los de lado, quando vemos um médico respeitado garantindo

que milhares de pessoas poderão morrer), é oportuno colocar a questão: até onde se pode ir com a idéia de salvar um plano econômico? Vale a pena sacrificar milhares de pequenos empresários, que passaram vidas construindo sonhos, sob a promessa, muitas vezes, enganosa, de um futuro promissor? É claro que o Brasil precisa passar uma borracha nos planos fúteis, descosturados, demagógicos, elaborados com o intuito exclusivo de aplinar candidaturas políticas. Mas o extremo também é arriscado.

O tecnicismo sofisticado, o ideal coletivo planejado nas planilhas de laboratório, o rebuscamento no campo das idéias econômicas, isso é muito bonito. No bojo de sua eficácia, porém, os planos acabam levando para o túmulo um pedaço dos sentimentos pátrios. Que orgulho besta comemorar estabilidade em cima de cemitérios. Que vaidade tola saudar a inflação baixa com juroz na porta do céu.

Empresas estão morrendo e hospitais empilham cadáveres e entopem corredores com macas de doentes. Aos políticos, que sabem de tudo um pouco, é aconselhável estudar a lição sobre a crise social no Brasil. Aos técnicos, que sabem tudo sobre muito pouco, o mesmo conselho. O Brasil seria melhor se políticos e técnicos rezassem a oração da modéstia no altar da humildade.

■ **Gaudêncio Torquato, jornalista, é professor-titular da USP e analista político**